

Cosmopolitismo e cidadania.

Karl Popper: uma leitura moderna do *Menexeno* de Platão

José Colen¹

Abstract

In Plato's dialogue, *Menexenus*, a kind of complementary piece to the *Gorgias*, Socrates shows the power of "harmful" rhetoric by example, in the composition of a funeral oration. In a famous modern reading, Karl Popper accuses Plato of writing a devastating parody of Pericles' Funeral Oration, a cornerstone in the memory of Athenian democracy, proffered half a century before the drafting of the *Republic*. Pericles who is not innocent of some populist concessions, according to Popper, belongs to the group of defenders of "egalitarian individualism", typical of the Great Generation,« and his speech conveys a political program that we cherish. Pericles is aware that democracy is not limited to mere principle that 'the people shall govern', but must be based on reason and faith in human kindness. There is much to say about Popper's reading of Plato dialogues, but he certainly does not ignore Platonic political dimension. This paper, which introduces the first Portuguese translation of the dialogue, emphasizes the paradoxical nature of the relation between democratic politics and rhetoric since the enlightenment and directs our attention to a platonic theme: autochthony and citizenship.

Keywords: Plato, *Menexenus*, rhetoric, cosmopolitanism, Karl Popper.

Resumo

¹ José Augusto Colen (Licenciado em História; MBA, IESE Business School; Doutorado em Ciência Política e Relações Internacionais, Universidade Católica Portuguesa) é Investigador Permanente no CEHUM da Universidade do Minho e Professor Visitante na UCP e no CESPRA da École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris. É também Visiting Scholar em Notre Dame University, onde está a trabalhar sobe orientação de Catherine Zuckert.

Recebeu Prix Raymond Aron 2010 pelo livro *Futuro do político, passado do historiador: o historicismo no pensamento de Raymond Aron e de outros adversários – Isaiah Berlin, Karl Popper, Leo Strauss e Friedrich Hayek*. Os seus livros mais recentes incluem: *Voto, governos e mercados*, Lisboa, Moinho Velho, 2010; *Guia da Introdução à filosofia da História de Raymond Aron*, Lisboa, Editorial Aster, 2011; *Facts and Values: A conversation between Raymond Aron, Leo Strauss, Isaiah Berlin and others*, Plusprint Academia, London, 2012 e *Platão Absconditus*, Lisboa, Ed. Aster, 2014.

Prepara neste momento o *Companion to Raymond Aron* (Palgrave) e um livro de inéditos de Leo Strauss para a University of Chicago Press.

62, Rue du Théâtre, 75015 PARIS | | contacto: +351-960070748 |

Jose.colen.pt@gmail.com

No diálogo platónico *Menexeno*, uma espécie de peça complementar do *Górgias*, Sócrates mostra os perigos da retórica com o seu exemplo, através da composição de uma oração funerária. Numa das mais famosas leituras modernas, Karl Popper acusa Platão de compor uma paródia devastadora da oração funerária de Péricles, pedra de toque do imaginário da democracia Ateniense, uma oração proferida meio século antes da redacção da *República*. O próprio Péricles, segundo Popper não seria alheio a algumas concessões populistas, mas pertenceria ao grupo dos defensores do “igualitarismo individualista” da Grande Geração e o seu discurso continha um programa político que apreciamos. Péricles mostra-se consciente de que o conteúdo da democracia não se esgota no mero princípio ‘o povo governa’, mas deve basear-se na razão e na confiança na bondade humana. Há muito que debater acerca da leitura que Popper faz dos diálogos platónicos, mas este certamente não ignora a sua dimensão política. Este ensaio, que introduz a primeira tradução portuguesa do diálogo, tenta apontar as causas da natureza problemática da relação entre retórica e democracia por detrás do tema platónico do cosmopolitismo e da cidadania.

Palavras-chave: Platão, *Menexeno*, retórica, cosmopolitismo, Karl Popper.

Introdução

Nas leituras modernas de Platão há uma caracterização corrente : o filósofo é sobretudo o criador de uma teoria epistemológica e metafísica que explica o nosso conhecimento com recurso à existência de Formas ou Ideias separadas do mundo sensível. De tal modo assim é que quase podemos dizer que, se a palavra “platonismo” tem hoje algum significado definido, este é o seu núcleo fundamental (cfr. Reeve, 2006: xi-xii). É também apresentado como um inimigo da democracia ateniense, mesmo se os académicos desdenham geralmente a leitura de Karl Popper. No entanto, qualquer que seja a interpretação preferida, o mais surpreendente é que em boa parte dos trabalhos académicos sobre a *República* a atenção dedicada à teoria das ideias leva a ignorar quase completamente a dimensão política e, por vezes, estes não se referem sequer ao assunto que dá o título à obra: *Politeia* ou Regime (e.g. Santas, 2006).

Em *The Open Society and Its Enemies*, Karl Popper prepara os elementos do “caso” que ergue contra Platão em nome da democracia e do igualitarismo. A acusação de que o “programa” platónico é puramente totalitário e anti-humanitário, todavia, só pode sustentar-se se a abundância de referências que se encontra nos diálogos aos desejos de justiça, beleza, e verdade puderem ser explicados (Popper 2009: 94), motivo porque o moderno filósofo da ciência tenta desacreditar a argumentação platónica. No seu texto dedicado aos “filósofos reis”, Karl Popper mostra como Platão se afasta do ideal Socrático do amor da sabedoria ou da verdade que define a filosofia. Segundo Popper, na *República*, o Sócrates de Platão defende ostensivamente que um dos privilégios da arte “real” ou arte política é o uso da mentira e engano, não só com os inimigos mas com os co-cidadãos (um privilégio que no entanto deve ser reservado aos governantes), revelando que o critério final da ética política é a utilidade colectiva (*Idem*: 146).

Nesta leitura, o governante é o médico do corpo doente da sociedade e o interesse do “Estado” sobrepõe-se aos do indivíduo, do berço ou do casamento ao túmulo. A mentira é útil como remédio e o governante não deve temer administrar fortes tratamentos quando necessário, nem os “filósofos-reis” se devem abster de usar grandes mentiras e enganos (*Idem*: 147). As piedosas mentiras (“lordly lie”, *Idem*: 299) compreendem o mito dos metais e o mito do homem nascido da terra, histórias destinadas a parar todas as mudanças” (“arrest all change”), tanto sociais como políticas. Popper redenomina-o “mito do sangue e do solo” para sublinhar a afinidade com os totalitarismos do séc. XX. O mito seria introduzido depois de um longo “prefácio”, destinado a defender duas ideias que Platão não esperava ver aceites pelos “leitores”: primeiro que os guardiães são “autóctones”, nascidos da terra e sempre prontos para defender a terra pátria porque esta é a sua mãe; segundo que os homens têm diferentes naturezas ou “raças”, de acordo com os metais de que estão feitos e que, estas naturezas são “quási-hereditárias” (*Idem*: 149). Estas “mentiras” não parecem, contudo, uma “ideologia” construída para iludir o povo em favor de uma *intelligentsia* iluminada, ao contrário do que sugerem outros críticos de Platão (e. g. Crossman, 1937: 130).

Popper reconhece que é discutível se a verdade é sempre a melhor política, mas sustenta que Platão se afasta do ideal socrático pois não afirma com clareza que a verdade é sempre mais importante que a política (Popper, 2009: 148). Claro que, como facilmente se observa,

a verdade e a política nunca estiveram em boas relações e poucos contaram a “sinceridade entre as virtudes políticas” (Arendt, 1977: 223). A retórica parece ser uma parte indispensável da actividade na arena pública mas a retórica é neutra, i.e., pode ser tanto bem como mal usada. Reconhecemos, é certo, exemplos louváveis de oratória política – o discurso de Lincoln em Gettysburg, os de Churchill durante a II Guerra – que são obras-primas de retórica mas que consideramos algo mais que mera retórica (Griswold, 2012).

“Príncipes” ou estadistas do passado apelaram com visão às mais nobres ambições e ideais de um povo, mas os exemplos que nos ocorrem são hoje relíquias de uma “idade de ouro” (nas palavras que usa a VII carta, atribuída a Platão) e impossíveis no presente, dada a proverbial falta de liderança e, em qualquer caso, a eficácia da oratória deixa nos democratas um certo desconforto: o seu nome é associado à “propaganda” isenta de deveres para com a verdade (cf. Popper 2009: 137, and 146-52, 299-302, 377-8). Desconforto que é tanto mais visível quanto vemos diariamente como os políticos descartam facilmente as promessas feitas aos cidadãos, pois a “mentira organizada” mina a capacidade de todos para julgar uma política (cfr. Tucídides, II, 37-41 e Popper 2009: 199)².

Paradoxalmente a desconfiança que paira sobre o orador democrático era partilhada também por Platão. Platão apresenta uma querela entre a filosofia e a retórica, como uma querela de visões globais e mutuamente exclusivas, com importantes consequências éticas e políticas, que se revela de modo explícito no *Górgias*. Mas se o *Górgias* deixa em Popper certa perplexidade³, o *Menexeno* é um enigma.

O enigma do Menexeno

Com efeito é neste curto diálogo, *Menexeno*, uma espécie de peça complementar do *Górgias* (Dodds, 1980), que o Sócrates de Platão mostra os “perigos” da retórica através do exemplo, na elaboração de uma oração funerária. Popper acusa Platão de compor uma paródia demolidora da oração funerária de Péricles, uma pedra angular do imaginário da democracia Ateniese, oração proferida meio século antes da data dramática da *República*. Popper cita extensamente, ao longo de mais de duas páginas, excertos do discurso (Tucídides, II, 37 ff., cf. Popper 2009: 101, 199), sublinhando que “embora poucos possam formular uma política, todos são capazes de a julgar” (sublinhado de Popper: cfr. *Idem* 199), que não é incompatível com o necessário debate e não impede o planeamento racional⁴. Platão podia ter conhecido o discurso não só através de Tucídides mas de outras fontes (cfr. Kahn, 1963). Péricles, que segundo Popper não é inocente de algumas concessões populistas (como as leis da cidadania de 451 a.C.), pertence ao grupo de defensores do “individualismo

² Uma ideia fundamental que Popper toma de Tucídides é que o mais importante em democracia é essa comum faculdade de julgar as políticas, ao alcance mesmo daqueles que não têm capacidade para as formular.

³ O *Górgias*, curiosamente, é um diálogo em que a influência de Sócrates ainda é dominante (Popper 2009:71), o naturalismo biológico de Cálices é criticado e o igualitarismo ainda joga um papel importante como uma das teorias da justiça cuja popularidade é reconhecida por Platão.

⁴ Popper considera a versão de Tucídides (como justificado numa nota) “quase autêntica”, não só porque o autor estaria presente e preocupado com uma fiel reconstrução, mas também porque era hábito memorizar tais discursos (como se revelaria no *Fedro*).

igualitário” da Grande geração e o seu discurso transmitia um programa político que devemos acarinharmos. Péricles mostra-se consciente de que o conteúdo da democracia não se esgota no mero princípio ‘o povo governa’, mas deve basear-se na razão e na confiança na bondade humana.

É pois muito mais que um panegírico de Atenas, a “Escola da Grécia”, uma vez que contém um ataque ao tribalismo conservador de Esparta e à facção totalitária (i.e. oligárquica) de Atenas, algo semelhante a uma quinta coluna dentro da *polis* democrática, uma “Sociedade dos Amigos da Lacónia” (cfr. Gomperz 1902: BkV.13.3).

A importância do discurso para a democracia ateniense ficaria patente na própria sátira platónica: a “manifesta paródia contida no diálogo intitulado *Menexeno ou elogio fúnebre*” (Popper 2009: 211 e nota 61). Aqueles que o consideram apócrifo não fazem mais que revelar a nossa tendência para idealizar Platão. Ao contrário do que se diz habitualmente, sob a forma de uma réplica irónica ao elogio de Péricles, Platão revela neste diálogo “as suas verdadeiras intenções” (Ibidem). A sua intenção fundamental é seduzir os amigos da sociedade aberta, a cujos apelos ele mesmo não é insensível. Porque se mostra Popper ultrajado com o breve diálogo platónico?

Oratória e democracia: a crítica de Tucídides

O *Menexeno* ressuscita com efeito, alguns lugares comuns da oratória funerária ateniense num registo irónico. O juízo de Platão sobre a Atenas Imperial expresso no *Górgias* é o oposto da quase idolatria de Tucídides pela figura Olímpica que preside longos anos ao império de Atenas que se estendeu sobre mais gregos que qualquer outra cidade grega (Tucídides II.64.3), tornando terras e mares acessíveis à ousadia ateniense (II.41.4), um império que, como a tirania, parece tão perigoso emprender como difícil de abandonar. A sólida fundação da grandeza de Atenas que suscita paixão (*erastai*) pela cidade e seu poder (II.43.1) é um amor que justifica o sacrifício da própria vida (cfr. Kahn 1963). A crítica platónica segundo outros académicos, tem como referência não só a apresentação literária de Tucídides (cf. II.65), mas os sentimentos de alguns Atenienses como Aristófanes que ajuízam de modo diverso o império de Péricles. Na data presumível da composição do *Menexeno*, a publicação de Tucídides seria um evento recente e a oração funerária que o diálogo contém seria imediatamente reconhecida pelo que era: uma diatribe contra a glorificação do imperialismo.

Popper não está entre os defensores da expansão imperial, mas indigna-se ao menos com o que considera “flagrantes mentiras”⁵ no que toca à história de Atenas e descobre aí uma prova clara do conteúdo satírico do diálogo. Com efeito, ao menos três “grandes” distorções aparecem no *encomium* inicial de Atenas que requerem explicação, mesmo se decidirmos ignorar muitos “lapsos” menores (cfr. Kahn 1963): em primeiro lugar a descrição do regime Ateniense (i.e., a sua constituição) como uma aristocracia; depois, a completa omissão do império do século V a. C.; enfim, a insistência quase gritante na hostilidade para com a Pérsia durante a Guerra de Corinto (quando, de facto, nesta guerra Atenas luta contra Esparta com a Pérsia como aliado).

⁵ Como aliás outros autores: cfr. Méridier 2003: 59-78.

Mais irónico todavia é o futuro reservado ao diálogo, que no tempo de Cícero, seria recitado anualmente em Atenas como uma peça séria (Cícero, *De Orator*: 44, *apud* Méridier 2003: 76). Se Karl Popper reconhece acertadamente a “paródia”, a intenção de Platão poderia muito bem ser, em compensação, apenas a de mostrar os perigos da “adulação” implícita na retórica populista, não necessariamente o endosso da “autoctonia” dos cidadãos. É certo que Platão parece ridicularizar no texto a democracia ateniense, onde o Povo não governa realmente, nem sequer escolhe os melhores por eleição, pois a regra é o sorteio, mas não é menos evidente uma certa defesa do “pan-helenismo”, que implica um horizonte cultural senão cosmopolita mais vasto que a cidade.

Há todavia uma divergência fundamental entre Popper e Platão, que nenhum debate sobre os méritos e deméritos da “grande geração” ou a “traição” de Sócrates por Platão. Como regra, até há pouco, os modernos filósofos desde as Luzes que ignoram a retórica como problema. Como os homens “vulgares”, digamos o “homem de Missouri” de Melville, os filósofos também suspeitam da retórica, como esta é normalmente praticada e lamentam a redução do discurso público à mera demagogia. Preferem evitar a retórica em favor de um debate cuidadoso e bem argumentado. Mesmo se os classicistas mantiveram viva a chama do estudo da retórica, a presente reabilitação surge como parte do problema de “comunicação” que aflige as teorias da democracia, incluindo a democracia deliberativa, que continuam a colocar a forma acima do conteúdo.

Debate racional, populismo e cosmopolitismo

A desvalorização da oratória pública é também aparentemente a visão dominante de Platão sobre a retórica no *Górgias*, uma visão que se tornaria muito influente e marcou a agenda de toda a tradição subsequente (Popper 2009: 182). Mas, enquanto Aristóteles dedica um tratado sistemático ao assunto, defendendo uma retórica “salutar” baseada no *ethos* e no *logos* do orador, os diálogos platónicos são mais misteriosos. Os diálogos de Platão sugerem, com efeito, que a retórica, mesmo se deve ser regulada pela filosofia, tem um papel importante a desempenhar, mas tal papel é problemático porque os argumentos racionais devem ser conduzidos em conversas individuais mas o governo democrático requer discursos públicos capazes de fazer apelo às emoções “dos muitos”, ou do povo. Mesmo se os filósofos algum dia fossem reis continuariam a necessitar de “mitos” e de belos discursos para persuadir os guardiães, para que estes por sua vez usem o seu poder sobre o povo.

Esta é a solução proposta (seriamente ou não) na *Republica*. Tal solução não é aceitável na política contemporânea, pois acreditamos no universal *enlightenment* e na possibilidade da persuasão racional de todos. Todos devem ser envolvidos na deliberação pública como iguais. Ao mesmo tempo, acreditamos que o carácter dos líderes políticos não deve contar, ou que é apenas um perigo a evitar. “Os governantes raramente estão acima da média, quer moral quer intelectualmente, e normalmente abaixo da média” (Popper 2009: 130). E são movidos apenas pelos seus interesses e agendas próprios, muito afastados do dito homem “vulgar”.

Em suma, a retórica é actualmente ignorada ou suspeita, tanto porque foi substituída pela educação universal dos cidadãos, como por causa da queda dos príncipes – ou dos seus modernos sucessores, os representantes democráticos. Se tal lacuna na filosofia política é

sensata ou não, em face das presentes tendências populistas e nacionalistas, é uma questão que a leitura do *Menexeno* de Platão nos força a repensar. A leitura que Popper faz dos diálogos platônicos é certamente questionável (cfr. Bambrough 1967, Field 1944, Ryle, 1948), mas ao menos não ignora a sua dimensão política e reconhece a ligação entre o problema da oratória democrática e a antinomia entre cidadania e cosmopolitismo que perpassa todo o texto, em termos tão cômicos como profundamente sérios.

Referências bibliográficas:

Arendt, Hannah (1977). «Truth and politics» in *Between Past and Future*, London, Penguin Books.

Bambrough, J. Renford (ed.) (1967). *Plato, Popper and politics. Some contributions to a modern controversy*, Cambridge and New York, Heffer and Barnes and Noble

Crossman, R. H. S (1937). *Plato To-day*, London, George Allen and Unwind (2d reprint).

Field G. C (1944). «On misunderstanding Plato», *Philosophy* 19, pp. 49-62.

Gomperz, Theodor (1902). *Greek Thinkers*, London.

Griswold, Charles L. (2012). "Plato on Rhetoric and Poetry", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*(Spring Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/spr2012/entries/plato-rhetoric/>.

Kahn, Charles H (1963). «Plato's Funeral Oration: The Motive of the Menexenus», *Classical Philology*, Vol. 58, No. 4 (Oct.), pp. 220-234.

Méridier, Louis (2003). *Platon. Oeuvres complètes, Ion, Ménexène, Euthydème*, Paris, Les Belles Lettres.

Popper, Karl (2009). *The Open society and its enemies*. Vol. I: *The spell of Plato*, London and New York, Routledge (orig. ed. 1945, revisions and addenda in 1951, 1957, 1961 and 1965).

Reeve, C.D. (2006). *Philosopher-Kings*. The argument of Plato's *Republic*, Cambridge, Hackett Pub.

Ryle, Gilbert (1948). «Review of K. Popper, The Open Society and its enemies, *Mind*, pp. 167-72.

Menexeno ou a Oração fúnebre (género ético) de Platão¹

[234a] Sócrates – De onde vens tu, Menexeno? Da praça?

Menexeno – Sim, Sócrates – da Câmara do Conselho, para ser preciso.

Sócrates – Que foste fazer à Câmara do Conselho? Já sei: julgas que chegaste ao fim na educação e na filosofia e sonhas em voltar-te para assuntos ainda mais elevados. Julgas estar já formado. Querido prodígio, embora jovem, propões-te governar-nos a nós, teus maiores [234b], para que a tua casa continue a proporcionar-nos alguém que vele constantemente pelos nossos interesses.

Menexeno – Sócrates, só com a tua permissão e aprovação ocuparei cargos públicos; senão não. Hoje, de facto, dirigi-me à Sala do Conselho porque soube que o Conselho vai escolher o orador para falar sobre os nossos mortos na guerra – pois, como sabes, vão organizar-se cerimónias fúnebres.

Sócrates – Sim, claro que sei. Mas quem escolheram?

Menexeno – Ninguém. A eleição foi adiada para amanhã. Mas na minha opinião serão Arquinos ou Dião os escolhidos.

[234c] Sócrates – De facto, Menexeno, morrer na guerra parece ser algo admirável, de muitos pontos de vista. Pois, mesmo quem morreu pobre obtém um funeral verdadeiramente magnífico e até quem é medíocre recebe um elogio público, pronunciado por homens hábeis, que não improvisam o louvor, mas compõem discursos longamente preparados. Fazem um elogio de tal maneira esplêndido que enfeitam as nossas almas, apresentando sobre cada um, com os mais belos termos, tanto o que merecem como o que não merecem e celebram a nossa cidade de todas as maneiras, tanto os mortos que tombaram no campo de batalha como todos os nossos antepassados, aqueles que viveram outrora e nós que vivemos ainda. [235a] Fazem tais elogios, Menexeno, que me sinto mais nobre quando sou assim louvado. Cada vez que os ouço, fico quedo a escutá-los e deixo-me enfeitar, pois julgo logo ter-me tornado repentinamente um homem maior, mais nobre e mais belo! E estando acompanhado por alguns amigos estrangeiros, como vulgarmente acontece, que escutam estes discursos comigo, logo lhes inspiro mais admiração. [235b] Também eles sentem este mesmo efeito, ao que me parece, tanto perante mim como do resto da cidade. Deixam-se persuadir pelo orador e acreditam que a cidade é mais admirável do que julgavam

¹ A versão utilizada é a de Méridier, Louis (2003). *Platon. Oeuvres complètes, Ion, Ménexène, Euthydème*, Paris, Les Belles Lettres.

antes. Este sentimento de dignidade dura em mim mais de três dias! [235c] As palavras e a voz vibrante do orador penetram nos meus ouvidos e ressoam tanto que só recupero no quarto ou quinto dia e só então me lembro de quem sou e onde me encontro. Entretanto por pouco que não me tomo por um habitante das Ilhas dos Bem-aventurados. Tal é a arte dos nossos oradores.

Menexeno – Ah, Sócrates, estás sempre a trocar dos oradores! Mas hoje, julgo que aquele que for escolhido não terá a tarefa facilitada, pois a escolha está a ser feita no último momento e, portanto, aquele a quem caberá falar será praticamente forçado a improvisar.

[235d] Sócrates – Que disparate, meu caro! Todos os retóricos dispõem de discursos já preparados, sem contar que não é difícil improvisar, pelo menos sobre assuntos deste género. Caso se tratasse de dizer bem dos Atenenses diante dos habitantes do Peloponeso, ou dos habitantes do Peloponeso diante dos Atenenses, então sim, sem dúvida, só um bom orador seria capaz de os persuadir e ganhar fama; mas falar bem quando se procura o aplauso justamente diante do público cujo elogio se pronuncia, não me parece grande feito.

Menexeno – Julgas que não, Sócrates?

Sócrates – Não, por Zeus, claro que não!

[235e] Menexeno – Julgas então que tu próprio serias capaz de discursar, se fosse preciso, e se o Conselho te escolhesse?

Sócrates – Sim, Menexeno, mesmo eu, não seria nada de espantar que fosse capaz. Acontece que tive por mestre uma mulher que está longe de ser medíocre em matéria de oratória. É a mesma que formou uma multidão de excelentes oradores, entre os quais há um que se destaca entre todos os gregos – Pércles, filho de Xantipa.

Menexeno – Quem é? Referes-te a Aspásia, obviamente...

[236a] Sócrates – Sim, com efeito. E além dela tive por mestre Conos, filho de Metróbio. Foram os meus dois mestres, este para a música, aquela para a oratória. Quando um homem recebe uma tal educação, não espanta que se torne um temível orador! Mas mesmo quem recebeu uma educação inferior à minha – mesmo um homem que tivesse Lampros por mestre de música, e Antifonte de Ramnonte por mestre de eloquência² – seria capaz de ganhar nome louvando os atenienses diante de atenienses.

Menexeno – E que dirias, se tivesses que falar?

² Deve entender-se como um remoque a Tucídides extremamente irónico pois é algo como dizer que é tão acessível como ter frequentado Oxford, ou Harvard, uma vez que Lampros era um músico respeitado e o próprio Tucídides chama a Antifonte o maior orador de Atenas. Dificilmente se podia ter mestres mais selectos.

Sócrates – Eu mesmo, provavelmente nada... [236b] Mas justamente ontem ouvi Aspásia declamar até ao fim uma oração fúnebre sobre este mesmo assunto. Pois deve ter ouvido, como tu dizias, que os Atenienses se preparavam para escolher aquele que devia falar. Assim repetiu-me o que é preciso dizer, em parte segundo a sua inspiração do momento, noutra parte colando pedaços e fragmentos que já deve ter composto – se queres a minha opinião, na época em que compôs a oração fúnebre que Péricles pronunciou.

Menexeno – E consegues lembrar-te do que disse Aspásia?

[236c] Sócrates – Pois não? Aprendi dela própria e os meus esquecimentos por pouco não me valiam sovas!

Menexeno – Então porque não ensaiar o que ela disse?

Sócrates – Não quero que a minha mestra se zangue comigo por divulgar o seu discurso!

Menexeno – Não temas, Sócrates. Limita-te a recitar e dar-me-ás grande prazer, quer pronuncies o discurso de Aspásia, ou de quem quer que seja, desde que fales.

Sócrates – Temo que vás troçar de mim, se me vires, velho como sou, a participar nesses jogos como uma criança.

Menexeno – De modo nenhum, Sócrates. De uma maneira ou de outra, faz o discurso!

Sócrates – Bem, certamente que me sinto obrigado a proporcionar-te este prazer. [236d] É de tal modo assim que se me mandasses despir e dançar, o faria por ti – tanto mais que estamos sós! Pois bem, ouve-me então. Se me recordo bem, começava, julgo eu, o seu discurso com a menção dos próprios mortos, nos termos seguintes:

“Há tributos com obras e com palavras. Quanto às obras, já prestámos a estes homens as honras devidas³ e tendo-as já recebido, eles fazem a sua inevitável viagem, num cortejo público em que a nossa cidade acompanha o cortejo privado das suas famílias. Quanto às palavras cabe-nos agora prestar a homenagem que ainda é devida a estes homens, como a lei e o dever ordenam! [236e] Pois quando os actos são excelentes, é a beleza das palavras que exalta a memória e suscita a homenagem dos ouvintes aos seus autores. Falta, claro, palavras tais que possam exaltar os defuntos como merecem e exortar gentilmente os vivos, admoestando os seus filhos e os seus irmãos a imitar o valor destes homens e, ao mesmo tempo, consolar os seus pais, as suas mães e outros mais longínquos ascendentes ainda vivos.

³ Os despojos dos defuntos já foram expostos, chorados e levados em cortejo para o túmulo, onde o discurso é pronunciado.

[237a] Tais palavras, como fazê-las surgir? Por onde convém começar o elogio destes bravos homens, cujo valor fez em vida a alegria dos que os rodeavam, e que pagaram com a sua morte a salvação dos vivos? É apropriado, na minha opinião, seguir a ordem natural que os fez excelentes, e louvá-los dessa maneira. Se foram excelentes é porque nasceram de excelentes pais. [237b] Celebremos pois, em primeiro lugar, o seu nobre nascimento; depois o modo como foram criados e educados; enfim como foram nobres as acções que realizaram e dignas do seu nascimento e educação.

O seu nobre nascimento tem origem no dos nossos antepassados. Estes não eram estrangeiros, nem descendentes de metecos, cujos antepassados não seriam mais que imigrantes, eram filhos da terra, habitando e vivendo numa pátria, alimentados não por uma terra madrastra como outros povos, mas pela própria terra que habitam como por uma mãe. [237c] Agora repousam após a morte em lugares familiares, próximos da que os pôs no mundo, alimentou e acolheu no seu seio. Nada mais justo, certamente, que render a nossa primeira homenagem à nossa própria mãe – pois desta maneira o nobre nascimento desses homens é celebrada.

Ora a nossa terra merece não só os nossos elogios, mas os da humanidade inteira. Há para isso diversos títulos, mas o primeiro pela sua nobreza e importância é que esta terra tem a boa sorte de ser amada pelos deuses. A querela e o juízo dos [237d] deuses que a disputaram⁴ vêm corroborar o que dizemos: pois se deuses fizeram o seu elogio, não é justo que receba os da humanidade inteira? [237d] Há, no entanto, uma segunda razão para lhe fazer um justificado elogio: nos tempos longínquos em que a terra inteira produzia e fazia crescer seres de toda a espécie, animais selvagens e domesticados, a nossa terra mostrou-se estéril e livre de bestas selvagens. Entre todos os animais, escolheu e gerou o ser humano, criatura que se destaca sobre as outras pela sua inteligência e a única a reconhecer a existência da justiça e dos deuses.

Eis agora uma prova de que esta terra serviu de berço aos antepassados destes mortos, que são também os nossos: [237e] os seres que deu à luz dispõem para a sua descendência de um alimento que lhe é apropriado. Pode assim ver-se claramente se a mãe deu à luz verdadeiramente ou não: não é mãe se não possui as fontes que devem alimentar o seu filho. Ora tal é justamente a prova suficiente que proporciona a nossa terra, que é também nossa mãe, de que gerou os seres humanos: foi a única nesse tempo e a primeira a trazer esse alimento muito humano que é o fruto do trigo e da cevada [238a], de que o género humano tira o seu melhor e mais belo alimento, porque realmente gerou esta

⁴ No mito, a deusa Atenas e Poseidon disputaram a soberania de Atenas. Os doze deuses nomeados por Zeus para arbitrar a disputa concederam a soberania a Atenas porque a oferta que fez da Oliveira era mais preciosa que a fonte de água salgada que Poseidon tinha feito jorrar na Acrópole.

criatura. Ora é da terra, mais que da mulher, que convém receber tais provas, pois não é a terra que imitou a mulher na concepção e na geração, mas a mulher que imitou a terra.

Em vez de monopolizar estes frutos, com ciúme, dispensou-os a outros também. Depois trouxe o azeite, o socorro das fadigas para os seus filhos. [238b] Quando os alimentou e os fez florescer até à juventude, trouxe os deuses para os governar e instruir. Mas convém nestas circunstâncias calar os seus nomes, pois sabemos quais são, de quem organizou a nossa existência, tanto quanto à vida quotidiana, ensinando-nos as artes antes dos outros homens, como à defesa do território, ensinando-nos a aquisição e o manejo das armas para a sua defesa.

Com o nascimento e a educação que descrevi, os antepassados destes mortos tinham organizado para si mesmos um certo regime político, sob o qual viviam, e que é bom recordar brevemente. [238c] O regime político molda os seres humanos, que são excelentes se este é admirável, maus no caso contrário. Que os homens foram outrora moldados por um regime admirável, eis o que devo mostrar: pois não são somente eles que lhe devem a sua excelência, mas também os homens de hoje – entre os quais se contam os defuntos que celebramos. De facto, era o mesmo regime que prevalecia então como hoje: uma aristocracia dos melhores, que ainda rege a nossa vida política, e assim se manteve, em geral, através de todas as eras, desde essa época longínqua. [238d] Alguns chamam-lhe democracia, outros com outro nome que lhes apraz, mas para dizer a verdade trata-se de uma aristocracia ou governo dos melhores com o consentimento do maior número. Reis, com efeito, tivemo-los sempre, primeiro escolhidos pelo seu nascimento, depois por eleição⁵; mas a maior parte do poder cabe na nossa cidade ao maior número, que confia os cargos e o poder àqueles que em dado momento parecem distinguir-se pela excelência; e ninguém se viu excluído pela doença, pela pobreza ou por ter nascimento obscuros, nem honrado pelos motivos opostos, como noutras cidades. Não há senão uma regra: é aquele que parece sábio ou excelente detém o poder e governa.

[238e] Ora a base deste regime, que é o nosso, é a nossa igualdade de nascimento. As outras cidades formaram-se a partir de uma mistura de seres humanos de origens e condições desiguais, donde provêm as desigualdades nos seus regimes – sejam tiranias ou oligarquias. Alguns dos seus habitantes têm os outros como escravos e os restantes consideram os primeiros como senhores. [239a] Nós e os nossos concidadãos somos todos irmãos, nascidos da mesma mãe e não nos consideramos escravos ou senhores uns dos outros; a igualdade do nosso nascimento segundo a natureza força-nos a buscar a igualdade dos

⁵ Depois da abolição da monarquia em Atenas, um dos nove arcontes era o “arconte rei”. Tinha sobretudo funções religiosas e quase nenhuma importância política.

nossos direitos segundo a lei, e a não reconhecer superioridade a nenhum outro, a menos que tenha reputação de excelente e sábio.

Eis porque os pais destes defuntos, que são também os nossos, tal como os próprios defuntos, criados em completa liberdade e bem-nascidos, se tornaram ilustres com tão admiráveis feitos diante de todo o gênero humano, tanto em público como em privado. Julgaram ser seu dever, em nome da liberdade, combater não só gregos para defender os gregos, mas também bárbaros para defesa da Grécia inteira. [239b] Falta-me o tempo para narrar adequadamente o modo como defenderam o seu país quando invadiram a nossa terra, Eumolpe, as Amazonas, ou outros ainda antes deles; o modo como se defenderam, ou como defenderam os de Argos contra os descendentes de Cadmos e os Heráclidas contra os de Argos. [239c] Já os poetas cantaram esplendidamente e deram a conhecer a todos o seu valor; se tentasse prestar a homenagem da nossa prosa a estes elevados feitos, não merecia senão o segundo lugar.

É melhor deixar de lado estes feitos, pois já receberam a merecida recompensa; mas quanto àqueles feitos gloriosos que ainda não fizeram a glória de nenhum poeta, aqueles que admitem ainda uma corte de pretendentes⁶, desses devo evocar a memória, pronunciando o seu elogio e resgatá-los do olvido para que outros busquem, tanto em odes como nos outros gêneros de poesia, um lugar que convenha à glória dos seus autores.

Entre os feitos de que falo, eis os primeiros: [239d] os Persas, que dominavam a Ásia e trabalhavam para sujeitar a Europa, foram detidos pelos filhos desta terra, nossos pais, cuja excelência é justo e necessário trazer em primeiro lugar à memória para fazer o seu elogio. Verdadeiramente, é preciso, se queremos que o seu elogio seja admirável, deixar-nos transportar pelo discurso até esse tempo, em que toda a Ásia estava sujeita ao terceiro destes reis. O primeiro deles, Ciro, depois de ter libertado os Persas, tinha orgulhosamente feito escravos tanto os seus concidadãos como os seus senhores Medos [239e] e, depois, imposto o seu império ao resto da Ásia até ao Egípto. O seu filho tinha-o ainda aumentado com as regiões do Egípto e da Líbia que conseguiu invadir. O terceiro da linhagem, Dario, com o seu exército estendeu-o até à Cítia e com a sua frota dominou o mar e as ilhas, [240a] ao ponto de ninguém pensar poder fazer-lhe frente. Os espíritos de todos os homens estavam reduzidos à servidão, tão numerosas, poderosas e belicosas eram as nações sujeitas ao Império Persa.

Ora Dario acusou-nos, a nós e aos da Eritreia, de conspirar contra os Sardos e tomou este pretexto para enviar quinhentos mil homens em navios de carga e de guerra, numa frota de trezentas embarcações, sob as ordens de Datis, a quem encarregou de lhe levar os Atenienses e os Eritreus, se não queria perder a sua própria cabeça.

⁶ Isto é, estão em estado virgem: lendo *mnesteia(i)* em c4, segundo Paul Ryan.

[240b] Datis, tendo-se feito à vela para a Eritreia, contra homens que estavam então na Grécia, entre os que mais reputação tinham pela sua disciplina militar e cujo número não era negligenciável. Submeteu-os em três dias e fez batidas em toda a sua terra, para que não escapasse nenhum. O que fez como se segue: chegados à fronteira da Eritreia, os seus soldados dispuseram-se de um mar ao outro, de mãos dadas, atravessando o território inteiro [240c] a fim de poder dizer ao Grande Rei que ninguém lhes tinha escapado.

Foi com a mesma disposição que deixou a Eritreia para desembarcar em Maratona, persuadido de que não teriam mais dificuldade em impor aos Atenenses o mesmo jugo que impôs aos Eritreus e levá-los prisioneiros também. Apesar destes dois empreendimentos, o primeiro bem sucedido, e o segundo em vias de o ser, não se achou nenhum povo grego para ir em socorro nem da Eritreia, nem de Atenas – à exceção dos Lacedemónios, e mesmo estes não chegaram senão no dia seguinte à batalha. Todos os outros, assustados, se abstiveram de intervir, julgando-se em momentânea segurança.

[240d] Sim, se pudéssemos transportar-nos para esses tempos, saberíamos de que eram feitos aqueles que defrontaram as forças bárbaras⁷ em Maratona, castigando a sua insolência, e que foram os primeiros a levantar um troféu⁸ sobre os bárbaros. Tornaram-se assim para os outros guias e mestres que lhes mostraram que o poder persa não era invencível e que não há número, nem riqueza, que não ceda perante a excelência. [240e]. Assim, pela minha parte, declaro que estes homens são os pais, não somente das nossas pessoas mas da nossa liberdade, e de todos os homens deste continente: pois foi com olhos postos neste feito que os gregos ousaram atrever-se às batalhas a que se entregaram em seguida pela sua liberdade, na escola dos combatentes de Maratona.

É pois a eles que este discurso deve entregar o primeiro prémio; quanto ao segundo, cabe aos de Salamina e de Artemísia⁹, que deram batalha no mar e aí obtiveram a vitória. [241a] Destes homens, haveria sem dúvida muito a dizer, tanto sobre os assaltos de que tiveram que defender-se, como sobre a maneira como os repeliram. Mas eis que quero recordar um feito que é aos meus olhos o mais belo: que continuaram a obra de Maratona. Os combatentes de Maratona mostraram aos gregos que em terra um pequeno exército podia repelir o ataque de uma multidão de bárbaros, [241b] mas não era ainda certo que uma frota fosse capaz do mesmo e os Persas passavam por ser invencíveis no mar pelo seu

⁷ Isto é, como é usual no grego clássico, os povos que não são gregos, neste caso os Persas. O Rei ou o Grande Rei é o rei da Pérsia.

⁸ Os trofeus, usualmente compostos de uma armadura inimiga sobre uma estaca, eram levantados nos locais das batalhas pelo exército que ficava na posse do campo da batalha depois desta terminada.

⁹ Durante a segunda invasão persa da Grécia continental, por Dario, filho de Xerxes em 480-479 a C.

número, a sua riqueza, a sua ciência, o seu vigor. Os homens que travaram nesse tempo estas batalhas navais são dignos de elogio por ter libertado os gregos desse segundo objecto de terror e posto enfim termo ao receio de tantas navas e tantos homens. [241c] Sim, é tanto a uns como a outros, aos heróis de Maratona em terra, e às frotas de Salamina no mar, que os outros gregos devem a sua elevação, pois esses combatentes, sobre a terra e sobre o mar, ensinaram-nos e habituaram-nos a não temer os bárbaros.

Enfim, em terceiro lugar pelo número e pela excelência, afirmo que é preciso contar os feitos de Plateia entre os que asseguraram a salvação da Grécia, comuns desta vez aos Lacedemónios e aos Atenienses. A mais pesada e a mais temível ameaça, foi repelida por todos juntos, e a sua excelência ganhou-lhes os nossos elogios, hoje, e para o futuro os elogios da posteridade. [241d]

No entanto muitos gregos ficaram ainda sujeitos aos bárbaros, e dizia-se que o próprio Rei sonhava com um novo empreendimento contra a Grécia. Também é justo, portanto, que evoquemos a memória daqueles que prosseguiram os feitos dos seus predecessores e garantiram a nossa salvação ao purificar e desembaraçar o mar de qualquer influência bárbara: quero dizer, os marinheiros que combateram em Eurimedão, [241e] os soldados da campanha contra Chipre, aqueles que velejaram contra o Egipto e muitas outras regiões. É preciso lembrá-los e saber agradecer-lhes terem levado o Rei a temer pela sua salvação em vez de se ocupar de conspirar para a ruína dos gregos.

[242a] Assim, esta guerra contra os bárbaros foi levada a cabo por toda a cidade, para a sua defesa e dos outros povos da mesma língua. Mas uma vez a paz concluída, quando a nossa cidade estava em glória, acabou por atrair sentimentos que o sucesso normalmente inspira aos homens: em primeiro lugar a inveja, depois da inveja a má vontade; foi assim que a nossa cidade, contra a sua vontade, voltou a achar-se em guerra contra outros gregos. Quando se desencadeou a guerra, o combate foi travado em Tanagra contra os Lacedemónios, pela liberdade dos Beócios, [242b] combate duvidoso mas que foi decidido pelo feito seguinte: os Lacedemónios retiraram-se abandonando aqueles que socorriam, enquanto os nossos, no terceiro dia, alcançaram a vitória em Enofita e fizeram prevalecer a justiça, fazendo regressar do exílio aqueles que tinham sido banidos injustamente. Sim, estes foram os primeiros, depois das Guerras Persas a avançar contra outros gregos em socorro da liberdade grega. [242c] E porque tinham provado a sua bravura e levado a liberdade aqueles que socorriam, eles foram os primeiros a obter da cidade a honra de ser depositos neste monumento.

Depois, quando uma Grande Guerra se desencadeou e todos os gregos vieram invadir e devastar a nossa terra, dando lamentável testemunho do seu reconhecimento à nossa cidade, os nossos, depois de ter vencido no mar e capturado os seus chefes Lacedemónios em Esfacteria, pouparam-nos e

restituíram os seus cativos quando podiam tê-los executado, concluindo a paz. [242d] Pensavam eles que, contra os povos da mesma raça, a guerra não deve durar senão até à vitória, sem que a cólera que é própria da cidade provoque a perda comum dos gregos, ao passo que contra os bárbaros deve ir até à sua destruição. Verdadeiramente merecem os nossos elogios, esses homens que depois de terem combatido aqui repousam, por terem provado a quem pretendia que outros excederam os Atenienses em excelência na guerra anterior contra os bárbaros, que tal não era verdade. [242e] Demonstraram nessa ocasião a sua superioridade vencendo, numa guerra levada a cabo contra eles, e fazendo prisioneiros aqueles que tinham o primeiro lugar entre os outros gregos, obtendo com as suas próprias forças a vitória sobre os seus aliados de outrora na comum vitória sobre os bárbaros.

Uma terceira guerra¹⁰ se desencadeou depois da conclusão desta paz, guerra tão inesperada quanto terrível, no decurso da qual muitos excelentes combatentes sucumbiram antes de virem também aqui repousar. [243a] Para muitos não foi sem terem erguido na Sicília uma multidão de troféus, lutando pela liberdade dos Leontinos, em socorro dos quais, fiéis ao seu juramento, tinham embarcado para uma terra longínqua. A duração da travessia criou dificuldades à nossa cidade, dificuldades que esta não pôde ultrapassar para os apoiar, vendo-se forçada assim a desistir e sofrer sorte adversa. Mas os seus inimigos, apesar de combaterem no lado oposto, têm mais elogios a fazer pela sua moderação e excelência do que outros recebem dos amigos. Muitos caíram no decurso dos combates navais do Helesponto depois de, num só dia, [243b] capturarem todas as naves inimigas e em muitos outros lugares saírem vitoriosos.

Quando falei da maneira tão terrível quanto inesperada como a guerra foi desencadeada queria referir-me aos outros gregos que experimentavam face à nossa cidade uma animosidade tão forte ao ponto de ousarem enviar embaixadas ao nosso pior inimigo, o Grande Rei, que tinham expulsado num esforço comum – para o trazer ao serviço dos seus interesses privados, ele, um bárbaro contra gregos! – e feito uma coligação de forças gregas e bárbaras contra a nossa cidade.

[243c] A força e a excelência da nossa cidade brilharam. Quando julgavam já a derrota consumada, quando a frota ficou bloqueada em Mitilene, os nossos cidadãos, enviaram em seu socorro sessenta trirremes nos quais embarcaram. Provaram por reconhecimento unânime a sua viril excelência alcançado a vitória sobre o inimigo, libertando os seus amigos, mas sofreram um indigno golpe de má sorte que não permitiu que os seus corpos fossem recolhidos no mar e

¹⁰ Esta Terceira Guerra (contando como primeira, a Guerra Persa) é a segunda e última parte da Guerra do Peloponeso, que começou com a expedição à Sicília em 415 e durou até 404.

viessem aqui repousar¹¹. Que a nossa memória e os nossos elogios permaneçam, pois à sua excelência devemos a vitória, não só nessa batalha naval mas em toda a restante guerra [243d]. Foi graças a eles que a cidade ganhou a reputação de jamais poder ser derrotada, mesmo pela humanidade inteira – reputação que se verificou ter fundamento. Foi aos nossos diferendos internos que devemos os reveses e não à força dos outros, pois continuamos hoje invictos face aos nossos adversários, visto que fomos nós que, contra nós mesmos, fomos vencedores e vencidos!

[243e] Quando a tranquilidade regressou e a paz foi concluída com os nossos vizinhos, a guerra¹² nasceu na nossa própria cidade de uma maneira tal que se as discórdias civis fossem a sorte fatal da humanidade, ninguém faria preces para que a sua cidade sofresse doutro modo¹³. Tanto do lado do Pireu como da cidade, os cidadãos misturaram-se uns com os outros com cordial familiaridade – contra toda as expectativas dos outros gregos! E a guerra contra os de Eléusis, com que moderação foi conduzida!

[244a] Nada isso tem outra causa senão o nosso verdadeiro parentesco, que garante não com palavras mas com obras uma firme amizade entre gentes que compartilham o mesmo sangue. Também temos que guardar memória destes e reconciliar os que caíram nesta guerra, sob golpes recíprocos, em cerimónias como as de hoje, com orações e sacrifícios em honra dos que sobre eles têm poder, uma vez que nós próprios também estamos reconciliados. Não foi, com efeito, a sua má natureza nem o ódio que os fez erguer uns contra outros, mas uma sorte contrária. [244b] Nós, os vivos, testemunhamos em sua defesa: pois pelo nascimento somos da mesma raça e mutuamente recebemos e concedemos perdão pelo que fizemos e pelo que sofremos.

Quando a paz regressou completamente, a tranquilidade reinou na nossa cidade. Perdoou-se aos bárbaros, que tinham provocado muito mal e sofrido muito mal, mas permaneceu a indignação com os gregos, que tinham pago o reconhecimento pelas suas boas acções fazendo causa comum com os bárbaros, [244c] desarmando a frota que antes os tinha salvado e destruindo as ameaças que

¹¹ O fracasso na recolha dos defuntos e no resgate dos feridos depois da batalha marítima de Arginusae, em 406, provocou grande fúria e ressentimento contra os generais que comandavam.

¹² Esta guerra civil travou-se em 403 para restaurar a democracia ateniense e expulsar a oligarquia dos Trinta Tiranos que tomaram o poder com ajuda dos espartanos no fim da guerra do Peloponeso. A guerra acabou com a derrota dos Trinta em Eleusis para onde tinham recuado.

¹³ Deve ler-se como extremamente irónico, apesar de Aristóteles na *Constituição de Atenas* também reconhecer que o regime democrático que depois de anos de revolução se seguiu acabou por ser relativamente moderado – mas é o regime que condenou Sócrates cuja moderação se elogia aqui.

tínhamos deixado arruinar¹⁴ para impedir a queda das suas. A cidade decidiu-se a não mais defender os gregos da escravatura, nem contra si próprios nem contra os bárbaros e manteve este estado de espírito. Mantendo esta decisão, os Lacedemónios acreditaram que estávamos abatidos, nós os campeões da liberdade, e que lhes bastava doravante sujeitar outros gregos – o que tentaram empreender. [244d]

Porquê alongar-me mais nesta história? Os eventos posteriores que teria a narrar não são antigos e dizem-nos respeito: lembramo-nos com que terror os primeiros entre os gregos, os de Argos, Beócios e Coríntios, vieram pedir o apoio da nossa cidade e como, maravilha sem igual, o próprio Rei se viu tão atrapalhado que a inversão da situação não lhe deixou outro caminho de salvação senão o recurso a esta cidade cuja destruição buscava ardentemente.

[244e] Com efeito, quem quiser, com justificação, censurar a nossa cidade, a única acusação com fundamento seria que está sempre demasiado inclinada à compaixão e demasiado disposta a colocar-se ao serviço dos mais fracos. Nesta ocasião foi incapaz de se mostrar firme e manter a resolução de não salvar da escravatura aqueles que com ela tinham sido injustos. [245a] Pelo contrário, deixou-se comover e foi resgatá-los; aos gregos socorrendo-os ela própria e libertando-os da escravatura, de modo que foram livres até ao dia em que se escravizaram a si mesmos de novo; ao Rei, se ela recusou levar-lhe socorro, por respeito aos troféus de Maratona, Salamina e Plateia, autorizou exilados e voluntários a socorrê-lo, assegurando, como é reconhecido, a sua salvação. E depois de ter elevado ameias e armado uma frota, aceitou a guerra quando a tal foi forçada [245b], combateu os Lacedemónios em defesa dos Pários.

Quando viu os Lacedemónios renunciar à guerra marítima, o Grande Rei, temendo a nossa cidade, quis afastar-se e por isso reclamou os gregos do continente que os Lacedemónios lhe tinham antes entregues, como preço da sua aliança conosco e com os outros aliados. Esperava uma recusa que teria servido de pretexto ao seu afastamento. [245c] Os outros aliados defraudaram a sua expectativa: consentiram tanto os Coríntios como os de Argos, os Beócios e os outros aliados, desde que lhes pagasse, comprometendo-se e jurando que lhe entregariam os gregos do continente; nós fomos os únicos a não os trair e a não prestar esse juramento. A nobreza e a liberalidade da nossa cidade são tão sólidas como sãs e naturalmente inimigas do bárbaro, pelo facto de sermos gregos puros e sem mistura de sangue bárbaro! [245d] Povos que são bárbaros por natureza e gregos pela lei – descendentes de Pelópios, Cádmos, Egípcios, Daneses e muitos

¹⁴ Em resposta à invasão de Xerxes, os atenienses deixaram destruir as muralhas da cidade e tomaram as “muralhas de madeira” dos seus barcos que foram o instrumento da derrota persa em Salamina. Esparta tinha exigido a destruição de muralhas e barcos nos termos da paz que pôs fim à Guerra do Peloponeso.

outros – não habitam entre nós¹⁵: Só nós a constituímos, como verdadeiros gregos, sem mistura de bárbaros, donde a pureza do ódio que penetra a nossa cidade em relação ao estrangeiro natural.

Mas, como quer que seja, ficámos de novo isolados por nos termos recusado a cometer um acto tão vergonhoso como ímpio, entregando gregos a bárbaros. [245e] Encontrámo-nos pois na mesma situação que outrora tinha provocado a nossa derrota, mas com ajuda divina conduzimos melhor a guerra: conservámos a nossa frota, as nossas ameias e as nossas colónias quando pusemos termo à guerra e os nossos adversários ficaram igualmente felizes por lhe pôr fim. Perdemos, contudo, excelentes homens no decurso desta guerra, vítimas do terreno desfavorável em Corinto e da traição de Lecum. [246a] Foram também excelentes os que libertaram o grande Rei e baniram do mar os Lacedemónios. Pela minha parte, lembro-vos estes homens: a vós cabe unir os vossos elogios ao meu e prestar-lhes homenagem.

Tais são os feitos destes homens, tanto aqueles que aqui jazem, como todos os outros que morreram pela cidade.”

Numerosas e admiráveis são as proezas que relatei, mas mais numerosas ainda e mais admiráveis são aquelas que ficam por contar; pois não bastariam muitos dias e noites a quem quisesse completar a narrativa. [246b] Em sua memória devemos lembrar os caídos na batalha e encorajar os seus descendentes, como na guerra, a não abandonar o posto dos nossos antepassados e a não recuar, cedendo à cobardia. Também eu presentemente vos encorajo, onde quer que vos encontre, a vós, filhos de homens bravos, e no futuro vos recordarei e exortarei a serem tão excelentes [246c] como se pode ser.

Mas por agora, é justo que diga o que os pais nos intimavam a relatar àqueles que deixavam atrás de si, na hora do perigo iminente, caso lhes sucedesse alguma infelicidade. Vou-vos relatar o que ouvi das suas próprias bocas e que eles próprios gostariam de vos dizer se o pudessem – julgando pelo que diziam então. Importa no entanto que penseis estar a ouvir das suas próprias bocas o que vou relatar. Eis o que diziam:

[246d] “Filhos, o momento presente proclama que os vossos pais foram bravos. Pois podendo viver ignobilmente escolheram antes morrer nobremente do que cobrir-vos de infâmia, a vós e aos vossos descendentes, envergonhando os nossos pais e toda a raça dos nossos antepassados. Consideramos que a vida daqueles que envergonham os seus não vale a pena ser vivida e que tal indivíduo

¹⁵ Muitas cidades gregas tinham lendas aventurosas na sua fundação que envolviam povos estrangeiros, como em Micenas os Pelops da Ásia Menor, em Tebas os Cadmo da Fenícia ou, em Argos, os Aegiptus e Danaus do Egipto. A afirmação era todavia sarcástica pois Atenas era uma cidade comercial onde os estrangeiros de todas as raças abundavam.

nem entre os homens nem entre os deuses encontra amizade, nem sobre a terra, nem depois da sua morte, sob a terra.

Também vós deveis recordar as nossas palavras, e o que quer que façais, [246e] acompanhá-lo com excelência, pois sem isso, sabeis bem, não há nenhuma riqueza, nem nenhum modo de vida que não seja vergonhoso e vil. Pois a riqueza não confere nobreza ao seu possuidor, se é covarde – a riqueza de um tal indivíduo pertence a outros, não a si mesmo. A beleza e o vigor do corpo num ser covarde e vil não são vantagens mas inconvenientes, pois realçam [247a] ainda mais os seus dotes e tornam mais visível a sua cobardia. Enfim, todo o saber sem justiça ou outra excelência revela ser apenas astúcia e não sabedoria.

Por estas razões, tanto no começo como no fim e em todos os instantes, em qualquer circunstância, com todo o vosso ardor, esforçai-vos por exceder em glória não só a nós mas aos nossos antepassados. Sabei que se vos ganharmos em excelência, a vitória é para nós vergonha mas, se somos vencidos, felicidade. [247b] Ora para sermos vencidos e vós vencedores, o melhor meio seria não abusar do nome dos vossos antepassados e não dissipar a sua reputação, convencidos de que para um homem que se preza nada é mais vergonhoso que gozar de uma honra que não deve senão à reputação dos antepassados. As honras dos pais são um magnífico tesouro para os seus descendentes; mas usar de tal tesouro e tais honras e não os transmitir por sua vez aos descendentes é vergonhoso e indigno de um homem e trai a falta de bens próprios e de títulos de glória pessoais. [247c] Se viveis estes preceitos juntar-vos-eis a nós como amigos que encontram outros amigos, quando aqui vos conduzir o destino que vos espera; mas se negligenciando-os vos tornais vis, ninguém vos acolherá com benevolência.”

Para os nossos filhos estas palavras bastam.

Quanto aos pais e mães, que nos sobrevivem é preciso, com incessantes exortações, encorajá-los a suportar o facto, se este se der, da melhor maneira, em vez de gemer com eles, pois não haverá necessidade de juntar-se aos seus lamentos: este golpe de má sorte será suficiente. [247d]

“Pelo contrário devemos sarar as suas feridas e apaziguar o seu luto relembrando que os deuses fizeram ouvidos atentos aos seus maiores desejos. Pois não foi a imortalidade que tinham desejado aos seus filhos, mas a excelência e a glória, que obtiveram e que são os maiores bens. Não é coisa fácil para um mortal ver acontecer tudo como é seu agrado.

Suportando a infelicidade como homens, passarão verdadeiramente como pais de filhos que foram bravos como eles mesmos são [247e]; se sucumbem à dor, pelo contrário, uma suspeita se levantará, ora de que não são nossos pais, ora de que se enganam aqueles que fazem o nosso elogio. É preciso evitar tanto uma como outra coisa. Cabe-lhes sobretudo a eles, fazer o nosso elogio com as suas

ações, tornando manifesto que são verdadeiramente homens, e pais de verdadeiros homens.

De facto, ‘nada em excesso’, é desde há muito um belo adágio; verdadeiramente bem dito. Com efeito, o homem para quem tudo o que conduz à felicidade ou o aproxima dela depende de si mesmo é aquele que tomou as mais excelentes disposições para a sua vida, sem estar suspenso dos sucessos ou reveses de outros que o condenariam à incerteza. [248a] Faz prova de temperança, de coragem, de prudência; seja porque lhes chegam posses ou filhos, seja porque as perde, e submete-se ao adágio: ‘Não manifestar, nem demasiada alegria, nem demasiada tristeza’, para não depender de ninguém senão de si mesmo.

[248b] Assim devem ser os nossos pais, assim o esperamos, assim o desejamos, assim o afirmamos. Assim também hoje nos mostramos – sem demasiada indignação, nem demasiado temor, se chegou a hora da nossa morte. Pedimos aos nossos pais e às nossas mães que permaneçam o resto das suas vidas neste mesmo estado de espírito. Queremos que saibam que não são os seus lamentos, nem os seus gemidos que nos agradam, mas pelo contrário, se aos mortos sobra algum sentimento em relação aos vivos, o que mais nos desagradaria é que se ferissem e suportassem o acontecimento com coração pesado. [248c] Agradar-nos-ia mais que o suportassem com coração leve e com moderação. Pois o tempo da nossa existência chega ao seu fim, que é o momento mais admirável para a humanidade, pelo que as homenagens são mais próprias que os lamentos. É tomando cuidado das nossas mulheres e dos nossos filhos, preocupando-se em alimentá-los e ocupando assim os seus pensamentos que melhor esquecerão este golpe de sorte e serão capazes de viver mais nobremente, mais rectamente e mais em harmonia com os nossos desejos.” [248d]

Para os nossos pais, esta mensagem da nossa parte basta.

Quanto à cidade, recomendaríamos sem dúvida cuidar em nosso nome dos nossos pais e dos nossos filhos, assegurando a uns uma educação conveniente, uma alimentação honrosa à velhice dos outros, se não soubéssemos que mesmo sem as nossas recomendações estes cuidados serão adequadamente providos.”

Eis pois, filhos e pais dos nossos defuntos, o que estes me intimam a relatar e que vos relato com todo o coração. [248e]

“Da minha parte, reclamo aos primeiros, imitar os seus pais, aos segundos que nada temam eles próprios pois, tanto a título privado tanto como público, vamos alimentar-vos na vossa velhice e cuidar de vós onde quer que um de nós se cruze com um dos seus parentes. Vós mesmos sabeis sem dúvida quais são os cuidados demonstrados pela cidade: depois de ter fixado leis relativas às famílias dos homens caídos na guerra, cuida dos seus filhos e progenitores. [249a] Entre os cidadãos cabe à principal magistratura velar para que os vossos pais e mães não sofram injustiça e a própria cidade contribui para alimentar os vossos filhos,

ansiosa por ocultar-lhes tanto quanto possível a sua condição de órfãos. Assume ela mesma o papel de pai e mãe quando ainda são crianças e, uma vez que chegam à maturidade, devolve-lhes a posse dos seus bens, depois de lhes oferecer em homenagem uma armadura completa, a fim de lhes mostrar e lembrar os feitos alcançados pelos pais, ao dar-lhes os instrumentos da excelência paterna, ao mesmo tempo que o direito, a título de bom augúrio, [249b] de voltar pela primeira vez ao lar paterno, onde devem exercer a sua autoridade revestida de poder, levando as armas que lhes foram dadas em homenagem¹⁶.

Aos próprios mortos a cidade nunca cessa de prestar-lhes honras: em cada ano cumpre para todos a título colectivo os ritos habituais que cada um observa a título privado, e organiza além dos concursos gímnicos e hípicas também concursos musicais de todos os géneros. Numa palavra, serve os mortos como herdeira e filha, aos filhos como pai, [249c] aos pais como tutor, encarregando-se, por todos, de todos os cuidados, perpetuamente.

Com isto em mente, é preciso suportar o acontecimento com coração tranquilo, pois assim sereis mais caros aos defuntos e aos vivos e será mais fácil dar e receber conforto.

Agora sigam o vosso caminho, vós e todos os outros, depois de elevar os lamentos pelos mortos, como quer a lei.”

[249d] Sócrates – Eis pois, Menexeno, o discurso de Aspásia de Mileto.

Menexeno – Por Zeus, Sócrates, Aspásia é feliz se, ao que dizes, não sendo senão uma mulher consegue compor discursos semelhantes!

Sócrates – Mas se duvidas, vem comigo e ouve-a falar a ela própria.

Menexeno – No que me diz respeito, Sócrates, já com frequência falei com Aspásia e sei como é.

Sócrates – Bem, e não a admiras? Não lhe estás reconhecido pelo seu discurso?

Menexeno – Sim, Sócrates, muito reconhecido até por este discurso, a ela ou a quem to recitou; [249e] e estou também reconhecido àquele que mo relatou, por outros motivos!

Sócrates – Muito bem. Mas não me denuncies para que possa continuar no futuro a relatar-te ainda outros belos discursos políticos seus!

Menexeno – Não temas. Não te denunciarei. Mas deixa-me ouvi-los.

Sócrates – Sim, com certeza.

¹⁶ Durante o festival chamado Grande Dionísio, antes do concurso da tragédia que o integra, os filhos crescidos dos homens mortos em batalha eram apresentados ao povo no teatro, vestidos com armadura de hoplitas e eram-lhes entregues as casas e propriedades.